

Karina de Fatima Visentin Bochnia¹

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira

RESUMO

Na atualidade, o ciberespaço tem tomado cada vez mais espaço na vida das pessoas, trazendo, consigo gêneros textuais e literários novos. Discute-se, a partir, de então, se o livro impresso permanecerá ou será extinto. Entendendo que livros digitais e novas formas de narrar o texto literário caminharão lado a lado com o livro impresso, analisamos o livroclip *Dom Quixote de la Mancha* disponível no site de compartilhamento de vídeos youtube.

PALAVRAS-CHAVE: Livro; ciberespaço; livroclip

ABSTRACT

Today, cyberspace has become increasingly more space in people's lives, bringing, you, new textual and literary genres. It is argued, from, then, if the printed book will remain or be extinguished. Understanding that digital books and new ways of narrating the literary text will walk side by side with the printed book, we analyze the livroclip Don Quixote de la Mancha available on the YouTube video sharing website.

KEYWORDS: Book; cyberspace; clip book

Na atualidade, o leitor tem diante de si inúmeras opções de leitura que, até muito tempo atrás, eram inimagináveis. O advento das tecnologias, em especial a revolução da cibercultura, bem como dos livros em formatos digitais, causou impactos irreversíveis nos comportamentos e nos modos de se ler. Diante desse novo cenário

¹ Aluna do programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Karina_bochnia@hotmail.com. Artigo apresentado à disciplina Língua literatura e diálogo com as artes, ministrada pelo professor Dr. Márcio Fernandes marciorf@ globo.com e pela profa Dra. Níncia Ribas Borges Teixeira ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br

delineado, nós, educadores, devemos estar atentos a essas transformações e pensar em estratégias que contribuam para que esses leitores sejam competentes em seus gestos de leitura, em especial, no ciberespaço.

Entendemos ciberespaço em consonância com Pierre Lévy (1999, p.92-93), para quem o ciberespaço é “como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. [...] o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos, na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinados à digitalização”.

As novas tecnologias possibilitam textos que são fruto da convergência de inúmeras linguagens num único material. Portanto, não basta mais ao leitor ser somente capaz de desvendar o código linguístico, é necessário que se incluam os diferentes aspectos e dimensões do objeto a ser lido. O leitor, ao deparar-se com um texto multimodal, deve explorar, além do código linguístico, os aspectos computacionais, incluindo os meios digitais, hipertextualidade, interatividade, processo interativo e hipermedialidade e, nas situações em que envolver a produção literária, o leitor ainda deve explorar, na dimensão artística, as linguagens verbal, visual, cinética e sonora.

Diante disso, este artigo, num primeiro momento, discutirá as transformações no universo da literatura impostas pela revolução tecnológica e, mais especificamente, para a leitura literária. Na sequência, daremos visibilidade ao site LivroClip, o qual traz adaptações de grandes clássicos da literatura universal para a internet, pensando na fragmentação da obra literária.

1. Leitura, Literatura e Tecnologias: choques e permanências.

A linguagem, ou seja, a forma de comunicação, não está disseminada entre todos os seres naturais. No entanto, e é também por isso que exerce tanto fascínio, a literatura nos possibilita o contrário a partir de suas criações. Exemplo clássico na literatura nacional disso é a personagem Baleia, de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (1938), a qual demonstra todos os sentimentos que seriam normais a um ser humano.

A obra escrita em terceira pessoa na segunda fase do modernismo narra à trajetória de uma família de retirantes, que buscam fugir da seca do nordeste. Dentro desse contexto a narrativa se desenrola demonstrando as injustiças tanto advindas da natureza, quanto da estrutura social instaurada a partir do poder econômico e político. A linguagem utilizada pelo autor deixa clara a humanização da cachorra Baleia, tratada como um membro da família e é descrita com todas as características de um humano, porém sendo um animal. O trecho a seguir demonstra as características humanas descritas:

Não se lembrava de Fabiano. Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritô onde sinha Vitória guardava o cachimbo. (...)(RAMOS, 1938, p. 166)

Os sentimentos, de impotência, responsabilidades, angústia e preocupação, dão a entender que Baleia possui características humanas. Ao utilizar uma técnica linguística que trabalha com o conceito de antropomorfização, ou seja, a humanização do animal, Graciliano Ramos desenvolve uma técnica que chama a atenção do leitor.

Zilberman (2001), ao discutir a permanência ou o fim do livro, evidencia que a linguagem no reino animal nasceu e prosperou. Destaca que muitos animais dispõem de um aparelho fonador, o que lhes confere a capacidade de manifestarem-se sonoramente. Além disso, atesta que “Articulada, esta [linguagem] se transforma em fala que, organizada por intermédio de um vocabulário e uma sintaxe, converte-se em expressão lingüística” (ZILBERMAN, 2001, p.14). O homem desenvolveu e aprimorou essa linguagem, conferindo à palavra o caráter da comunicabilidade entre seus membros. Além disso, criou as linguagens gestual e imagética, por exemplo, que contam com signos próprios e independentes.

[...] a raça humana não se contentou com as potencialidades da linguagem. Usuária, sobretudo da fala, disponibilizada graças à existência de uma parte constitutiva do corpo humano, e procurando assegurar sua longevidade, a raça humana inventou uma forma de registrá-la – a escrita; o que determinou a busca de códigos específicos de fixação do oral – o alfabeto. (ZILBERMAN, 2001, p.15)

Na história do alfabeto, da escrita e da leitura, como evidencia Ribeiro (2005), é possível constatar que a forma de se desenhar a letra, o modo como se grafam certas palavras e o desenvolvimento da leitura silenciosa, conferem o desenvolvimento de recursos com a prática, na busca de outras formas de ler e de novas maneiras de dispor da leitura. Também os materiais usados para escrever mudaram, de acordo com as demandas de um leitor que consumia livros e periódicos e queria ter acesso a informações que estavam registradas pela escrita.

No século III D.C. as tecnologias de suportes para escrita e leitura evoluíam com o intuito de facilitar os afazeres do homem e com a preocupação explícita de fazer com que o conhecimento e os códigos morais chegassem às gerações futuras.

Difundir cópias das Escrituras Sagradas tornou-se uma grande preocupação entre os compositores e copistas da época, fator que suscitavam importantes discussões sobre os melhores, mais duráveis e mais baratos materiais a serem utilizados para escrever, que pudessem ser lidos por leitores dos próximos séculos. Assim é que o papiro dá lugar ao pergaminho, mais resistente; o estilete de tabuletas de cera dá lugar à pena, mais disponível e mais fácil de manejar.

Como se pode perceber, ao longo dos tempos, foram necessárias novas descobertas, como, por exemplo, o suporte dessa escrita (barro, metal, pedra, pele de alguns animais, papel) e de instrumentos que serviriam para fixar as letras nesse suporte, como, por exemplo, o estilete, pena de ganso, lápis, caneta e, posteriormente, o teclado.

Decifrar a escrita não se tornou um processo menos custoso e prolongado, que recebeu um nome que se preservou no tempo: leitura. Hoje, os autores discutem as designações leitura e letramento, tendo a segunda um caráter mais abrangente que a primeira. Tais conceitos, neste trabalho, nos parecem pertinentes, uma vez que, numa possível concorrência estabelecida entre leitura literária e tecnologia, os leitores precisam estar atentos e ser competentes em suas atividades leitoras.

Conforme Oliveira, (2004): é a partir da premissa de que as representações de leitura não são apenas descrições, retratos e tipologias neutras, que estas se constituem em práticas culturais e discursivas inscrevendo-se em um campo polêmico das lutas empreendidas para impor uma representação da “boa” leitura sugerindo modelos de conduta, desqualificando certos gestos de leitura. Através de um breve histórico da leitura, a autora destaca o contexto atual da seguinte forma:

Atualmente, estamos na era da web 2.0 entendida como um espaço participativo de construção coletiva do conhecimento e grande palco para a cultura do espetáculo. Espaço muito mais

sofisticado que permite aos seus usuários publicarem seu próprio conteúdo. O navegador da web 1.0 deixa de ser espectador e passa a fazer parte do espetáculo, ou seja, de leitor navegador passa a escreitor digital. (OLIVEIRA, 2004)

Nesse sentido, para Maria Regina o leitor possui um olhar desmaterializado ao qual confere um sentimento de comando alterando assim, os modos de captação e assimilação do texto. Nessa nova fase, palavras de ordem se colocam: autonomia, diversidade e cooperação:

Segundo os estudiosos do século XXI, o indivíduo agora deve construir seu próprio conhecimento, pois nos modelos antes usados não cabem mais as novas realidades. Como o suporte eletrônico da leitura está embrenhado de linguagens diversas que se entrecruzam, não basta reconhecê-las, é preciso entendê-las.

Falta ao indivíduo do século XXI saber o que fazer, com tantas possibilidades: de ouvinte á leitor, de espectador á sujeito ativo, do texto ao hipertexto, da interatividade á hipermedialidade.

Kleiman (2005) sustenta que, anteriormente, para ser leitor bastava decodificar os signos linguísticos e, por sua vez, o letramento:

[...] abrange o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas, como alfabetização universal, a democratização do ensino, o acesso a fontes aparentemente ilimitadas de papel, o surgimento da internet. (KLEIMAN, 2005, p. 21)

Portanto, o ato de ler é de suma importância na vida do homem. Haja vista as campanhas em prol da difusão e da formação de leitores que sublinham a relevância

de sua prática. Zilberman (2001, p.16-17), destaca, no entanto, que nesse início de século, presenciamos uma situação paradoxal: “diagnósticos pessimistas acompanham a valorização da leitura, proclamando-se o encerramento da era do livro, sua substituição por equipamentos mais desenvolvidos tecnologicamente e a soberania de formas de comunicação eletrônicas”.

Como sabemos toda mudança gera previsões futurísticas e diversas opiniões. Assim, quando se começa a argumentar em novos suportes para a leitura que não o livro impresso, Spalding (2012) afirma que é um processo natural essa forte reação por parte de uma sociedade habituada com o objeto livro há milênios.

Zilberman (2001, p. 105), sobre essa temática, ressalta que anunciam-se o final da era do livro e sua conseqüente substituição por multimídias interativas. “Os vaticínios provêm dos profetas da aurora do milênio, cujas palavras revelam, de um lado, otimismo, de outro, desalento”, este se dá por acreditarem que com o fim do livro, se perderiam culturas e tradições milenares, e aqueles vislumbram horizontes nunca antes imaginados.

Chartier (1998), em *A aventura do livro*, destaca que a necessidade da leitura silenciosa levou à descoberta dos tipos móveis, o que desencadeou a indústria livreira, a partir do século XV, ou seja, início da Idade Média, e foi intensificada nos séculos XVII e XVIII. Esse fenômeno, para o autor, foi tão ou mais importante que o que aconteceu depois, uma vez que, sem ele, a revolução posterior, a que se refere ao livro, não teria acontecido. Não se pode deixar de se considerar que, no início da era Cristã, a introdução do Códex, precursor do formato do livro, colaborou para a expansão da leitura, pois, antes, a leitura era feita por meio de rolos de difícil transporte e manuseio.

Sobre a expansão e a valorização do livro impresso, Zilberman (2001) destaca fatores de ordem econômica, uma vez que a impressão deste objeto,

intensificada no século XIX, fez com que o papel tivesse seu valor elevado, gerou empregos em diversas áreas. Além disso, há de se considerar que, culturalmente, se deu o prestígio da linguagem escrita, em detrimento da linguagem oral; a sociedade do livro fortaleceu a instituição escolar que, não somente se universalizou como se tornou obrigatória.

Parafraseando a autora, questionamos: o que aconteceria se o livro acabasse?

Certamente, como elucida a Zilberman (2001), a escrita e as leituras não se ressentiriam se tal fato ocorresse, pois elas “procurariam” novos suportes para se manifestarem, pois, como já elucidado nesse trabalho, o letramento prepara os sujeitos para o uso das novas tecnologias que servem de suporte para a publicação de textos, sejam eles literários ou não.

Embora mantendo esse foco nas práticas sociais de leitura e de escrita, fundamentamo-nos numa concepção de letramento como sendo não as próprias *práticas* de leitura e escrita, e/ou os *eventos* relacionados com o uso e função dessas práticas, ou ainda o *impacto* ou as *conseqüências* da escrita sobre a sociedade, mas, para além de tudo isso, o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação [...]. (SOARES, 2002, p.145)

A autora destaca que esses eventos de letramento configuram-se como “qualquer situação em que um portador qualquer de escrita é parte integrante da natureza das interações entre os participantes e de seus processos de interação” (idem). Dessa forma, o sujeito inserido numa sociedade tecnológica, que dominam o uso da leitura e da escrita, deve ser hábil e competente, a partir da mobilização de estratégias de leitura, para desenvolver atividades leitoras.

2. Literatura na web: Dom Quixote fragmentado em LivroClip.

A partir dos anos 1950, a sociedade passou (e tem passado) por um processo, nunca antes visto, de transformações na história do pensamento e da tecnologia. Oliveira e Pinto (2012) afirmam que, paralelas a essa aceleração das tecnologias de comunicação, a velocidade com que se oscila a economia e de como a ciência evolui, ocorrem mudanças paradigmáticas no modo de pensar a/da sociedade. Tais mudanças lançaram dúvidas no que antes era certeza, subverteram costumes e transformaram os homens e o mundo.

Bauman (1998, p.32) destaca que vivemos numa sociedade líquida, ou seja, o que era sólido, duradouro, encontra-se em estado de liquidez, sem forma. “É por isso que sugeri a metáfora da "liquidez" para caracterizar o estado da sociedade moderna, que, como os líquidos, se caracterizam por uma incapacidade de manter a forma”.

Neste cenário em que a sociedade fragmenta-se, acelera-se e a inquietude assolam seus sujeitos, a literatura, antes tida como forma de erudição desses sujeitos, e o livro, seu suporte, ganham novos espaços de divulgação que não somente os habituais, como bibliotecas, escolas, por exemplo. A internet tornou-se um espaço no qual se encontram não unicamente muitas obras na sua integralidade, mas também muitas obras adaptadas, recontadas, fragmentadas, versões.

Sobre essa fragmentação, Roger Chartier, em entrevista a Cristina Zahar, acredita que pode ser prejudicial para a formação de novos leitores, por exemplo, uma vez que nesse novo espaço de circulação, nada obriga o sujeito a ler a obra em sua totalidade.

Mas cabe às escolas, bibliotecas e meios de comunicação mostrar que há outras formas de leitura que não estão na tela dos

computadores. O professor deve ensinar que um romance é uma obra que se lê lentamente, de forma reflexiva. E que isso é muito diferente de pular de uma informação a outra, como fazemos ao ler notícias ou em um site. Por tudo isso, não tenho dúvida de que a cultura impressa continuará existindo. (CHARTIER)

Pensando nessa fragmentação existente do texto literário na internet, trazemos à baila, a fim de exemplificarmos tal fenômeno, o *LivroClip Dom Quixote*. Disponível no site de compartilhamento de vídeos Youtube, este texto é uma produção de LivroClip – Laboratório de Leitura ®, que é um portal que destaca obras consagradas da literatura mundial. Seguem abaixo alguns frames do livro.



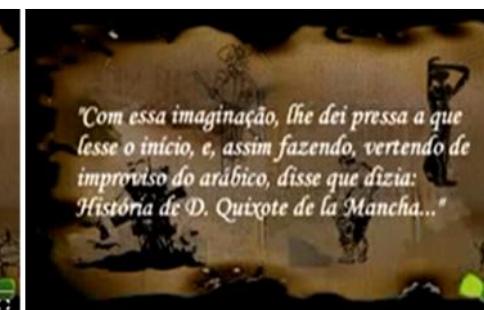
Frame 1



Frame 2



Frame 3



Frame 4



Frame 5



Frame 6



Frame 9



Frame 7



Frame 10



Frame 8

Esses frames acima nos mostram a fragmentação da leitura literária em época de textos digitais. Como sabemos a concorrência com outros textos, links, hiperlinks, é imensa.

Podemos observar por meio desses frames, o objetivo do vídeo é fazer um breve resumo da obra *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel Cervantes e evidenciar seu caráter canônico. Chartier acredita que essa é o essencial da literatura passa pela tela do computador e que a internet pode ajudar, especialmente aos jovens, a desvendar a riqueza do cânone literário. “[...] muita gente diz que o livro acabou e que ninguém mais lê, que o texto está ameaçado. -Eu não concordo. O que há nas telas do

computador? Texto – e também imagens e jogos” (entrevista a Cristina Zahar). O autor acredita, no entanto, que a fragilidade da leitura diante das telas, reside no fato da leitura se dar de forma fragmentada.

Os frames recortados e selecionados nos possibilitam localizar o espaço em que a narrativa se passa, além das três personagens principais da obra: Dom Quixote (frame 5), que pelo destaque da personagem, o caracterizamos como um cavaleiro a sequência traz uma breve descrição dele: “Num lugarejo em La Mancha, cujo nome ora me escapa, não há muito que viveu um fidalgo desses de lança pendurada...”; Dulcineia de'l Toboso (frame 6), a “mocinha” pela qual o “herói” sai em busca de conquistá-la com, na sequência, o seguinte dizer: “procurando um nome que pendesse ao de princesa, veio a chamar-lhe Dulcineia de'l Toboso”; Sancho Pança (frame 7), o fiel escudeiro de Dom Quixote, assim referido: “Sancho Pança, que assim se chamava o lavrador, assentou como fiel escudeiro de seu vizinho”.

Na sequência do livro clipe, aqui entendido como:

o clipe de um livro, ou seja, vídeo para apresentação de uma obra qualquer, com imagens visualmente interessantes, com uso de trechos da obra e também inclusão de uma trilha sonora, composta por músicas diversas. Por ser fruto de computação gráfica, consideramos o livroclip como um gênero digital, que nasceu e se consolidou nesse meio. (DINIZ; GRANDE, 2013, p.150)

Observa-se a motivação de Dom Quixote pela tentativa ilusória de sair pelo mundo em busca de desafios “inspirado nos livros de cavalaria, ele queria salvar o mundo”. Diz o narrador: “pois eu entendo que esses livros de cavalaria lhe estragaram o juízo”. Como se vê, a tentativa do livroclip é tentar despertar no seu leitor o desejo

de ler a obra completa. Seus pouco mais de dois minutos trazem breve apresentação da obra, ou seja, fragmenta o “melhor” livro de todos os tempos.

Importante destacar que o livroclip, por ora analisado, assim como é característico do gênero, nessa velocidade com que as pessoas vivem, apressadas, sem tempo para apreciar/ler a obra, vale-se de um recurso de imagens em movimento e trilha sonora, como quando faz referência a uma das passagens mais emblemáticas e marcantes da obra, a luta de Dom Quixote contra os gigantes/moinhos de vento que é narrada imageticamente ao som do barulho de ventos.

Observamos a partir da análise do livroclip *Dom Quixote de la Mancha* que, diante desse novo suporte, o meio digital, seus autores mobilizaram inúmeras linguagens (verbal, imagética, sonora) que corroboram para a potencialização da informação a ser veiculada, atingindo melhor seu público alvo, os nativos digitais, conforme Prensky (*apud* DINIZ; GRANDE, 2013, p.164), ou seja, pessoas habituadas a utilizarem com desenvoltura a língua digital.

Considerações Finais

Como detalhado inicialmente, o objetivo desse texto foi, mesmo que de forma breve, discutir as contradições entre a permanência persistente do livro e a fragmentação que obras canônicas sofrem no ciberespaço. Para isso, trouxemos o livroclip *Dom Quixote de la Mancha*, como um pequeno exemplo do que se esboça nas redes sociais.

As tecnologias propiciam novos meios para a formação de diferenciados leitores e também novas formas de textualização, em especial, textos literários. Assim, ao entrar em contato com um livroclip, o jovem poderá ter despertado em seu cotidiano o interesse em buscar novas e mais informações sobre o autor e, até mesmo,

a leitura obra original completa. Assim de interlocutor os códigos linguísticos transmitidos pelas mídias, tornam o indivíduo de passivos a ativos através de canais que podem despertar interesse pelo referente tornando-os novos locutores.

Não deixamos de entender que o livroclip é apenas uma forma reduzida da obra de Cervantes, no entanto, pode funcionar como um estímulo, para a busca dos originais e, dessa maneira, e em consonância com Chartier, haverá sempre o espaço para o novo e o velho. Sendo assim, o livro impresso, diante dos choques e embates com a tecnologia, pode, e deve permanecer por longos anos.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAKHTIN, M. (V. N. VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1990
- CALVINO, I. *O cavaleiro inexistente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998.
- DINIZ, Izabel Cristina Silva; GRANDE, Keila Conceição Petrin. *Livroclip da Obra Dom Casmurro, de Machado de Assis: semiótica, literatura e hipermídia*. Entretextos, Londrina, v.13, n°02, p.147-166, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/16282/13910>. Acesso em 16 nov. 2015.
- KLEIMAN, Angela B. *Preciso “ensinar” letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Campinas: Unicamp, 2005. Coleção Linguagem e letramento em foco.
- CANAL DO LIVRO. *LivroClip Dom Quixote de la Mancha*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bIZjDzx_8bI. Acesso em 17 nov. 2015.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1999.
- FRAISSE, E.; POMPOUGNAC, J.; POULAIN, M. *Representações e imagens da leitura*. Tradução Osvaldo Biato. São Paulo: Ática, 1997.
- OLIVEIRA, Angela F. Mendez de; PINTO, Helena. *O tempo contemporâneo e a literatura da Geração Zero Zero no Rio Grande do Sul*. Cenários, Porto Alegre, v.2, n.6, 2. semestre 2012.
- OLIVEIRA, Maria Regina Momesso. *A leitura no século XXI: discursos e representações*. São Paulo: UNESP, 2004. Disponível em: [file:///C:/Users/5555/Downloads/400-1166-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/5555/Downloads/400-1166-1-PB%20(1).pdf). Acesso em 16 dez 2015
- COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa *Letramento Digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SCLIAR, M. *A mulher que escreveu a Bíblia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Educação e Sociedade, Campinas, vol.23, n.81, p.143-160, dez. 2002. Disponível em: <http://cedes.unicamp.br>. Acesso em 15 out. 2015.
- SOUZA, Valeska, Virgínia Soares. *Letramento Digital: Aspectos SPECTOS Sociais e possibilidades Pedagógicas*. Disponível em: http://www.abralin.org/revista/RV5N1_2/RV5N1_2_resenhas.pdf. Acesso em 16 dez. 2015
- ZILBERMAN, Regina. *Fim dos livros, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC, 2001.

Recebido: 01.02.2015 – **Aprovado:** 27.02.2015